

## O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM FRENTE À MORTE DO PACIENTE

**Beatriz Rodrigues Ribeiro**

Graduanda em enfermagem,  
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

**Eluana Dias Silva Secundino**

Graduanda em enfermagem,  
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

**Fernanda Silva Pereira**

Graduanda em enfermagem,  
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

**Daniela Tinti Moreira Borges**

Enfermeira/Mestre em Ciências pela Universidade – UNIFESP  
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas - FITL/AEMS

### RESUMO

A morte é gera intensas reações emocionais nos profissionais de enfermagem. O objetivo deste estudo é elucidar as reações e sentimentos dos profissionais de enfermagem frente à morte do paciente sob seus cuidados. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura com a temática. A morte não é um tema muito discutido entre os profissionais de enfermagem, portanto é necessário realizar constante revisão sobre conflitos, frustrações, levando em conta o ponto de vista do indivíduo.

**PALAVRAS-CHAVES:** morte; cuidados de enfermagem; enfermagem; atitude frente a morte; tanatologia.

### 1 INTRODUÇÃO

A temática morte tende a ser evitada por muitas pessoas, pois se trata de um processo que provoca profundas reações emocionais. Atualmente, mostra-se a falta de preparo para enfrentá-la, visto que desde crianças as pessoas ficam distanciadas da morte (MATTOS et al., 2009).

A enfermagem é uma profissão que cuida do ser humano de forma holística, e está presente durante todo o ciclo vital e também no momento da morte, seja na atenção domiciliar, hospitalar ou em emergências. Entretanto os enfermeiros mostram dificuldades de assistirem pacientes com prognóstico comprometido e em fase terminal, visto que a profissão está relacionada ao sentimento de salvar vidas e evitar a morte. A partir do momento que a morte se faz presente, pode haver sentimento de culpa e impotência no profissional, além de tristeza, perda, frustração, insucesso,

culpa, insatisfação, ansiedade, depressão, baixa autoestima ou raiva (SAMPAIO et al., 2018).

Em geral, durante a formação profissional da enfermagem os conhecimentos transmitidos relacionam-se com a preservação da vida, promoção de conforto e bem-estar de seus pacientes, de modo que o término do ciclo vital escape a visão de alguns profissionais. Isto pode gerar uma fonte de estresse e sofrimento psíquico para esses trabalhadores, ficando as dúvidas se a equipe fez tudo o que pode, de como dar a notícia aos familiares. A enfermagem passa mais tempo com o paciente, acompanhando-o no seu processo de morte (OUCHI et al., 2018).

O objetivo desta pesquisa é elucidar as reações e sentimentos da equipe de enfermagem frente a morte do paciente sob seus cuidados. Refletir sobre esse tema pode contribuir para que esses profissionais possam entender que a morte dos pacientes é apenas uma etapa, minimizando o seu próprio sofrimento (MOTA et al., 2011).

## **2 OBJETIVOS**

O objetivo deste trabalho é descrever as reações e sentimentos dos profissionais de enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados.

## **3 MATERIAL E METODOS**

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura realizada por meio de busca em bases de dados como o Google Acadêmico e Scielo de publicações referentes à temática, entre 2004-2019, utilizando as palavras-chave atitude frente a morte; morte; equipe de enfermagem; cuidados de enfermagem. Foram excluídas as publicações que não abordavam os profissionais de enfermagem.

## **4 O PROCESSO DE MORTE**

Lidar com a morte é um processo complexo que envolve uma série de fatores culturais, cada qual, possui sua maneira de vivenciar esse momento. A dificuldade de aceitação do processo de morte gera grande abalo emocional nos familiares e profissionais em contato com este paciente, a associação do ambiente hospitalar e

dos cuidados de enfermagem ao processo de cura, torna-se um dos obstáculos para aceitação desse momento (GUTIERREZ; CIAMPONE, 2006).

O convívio diário com o paciente possibilita que o profissional se afeioe e se sensibilize com suas dores e angústias. O misto de sentimentos pós morte mostra o despreparo da equipe de enfermagem em lidar com a finitude de seu paciente, a impotência diante da morte contribui para a negação e descrença desses profissionais, que guardam sua dor diante de um processo de luto para cuidar do sofrimento alheio (OUCHI et al., 2018).

#### **4.1 Processo de Morte e Morrer: Contextualização Histórica e Social**

Na idade média a morte era tida como um evento natural fazendo parte do ambiente domiciliar, o enfermo em seu leito de morte passava seus dias em companhia de seus familiares e amigos até o momento de seu óbito. Atualmente, com a evolução da medicina e do processo de cuidado, as pessoas passam a ver a morte como algo que possa ser adiado, o doente deixa de estar no ambiente domiciliar e passa a se encontrar no ambiente hospitalar, gerando nos familiares a esperança de melhora, visto que os hospitais são associados ao processo de cura e não a um ambiente relacionado a morte (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

O homem passou a negar a sua morte, apesar de estar ciente que um dia irá ocorrer a sua chegada as pessoas vivem como se ela fosse extremamente distante de sua realidade, falar ou até mesmo pensar nesse tema gera um misto de medo e angústia (NEGRINI, 2014).

A finitude humana traz consigo a sensação de impotência. Mesmo com avanços tecnológicos o fim da vida é algo que não possui uma maneira de se evitar permanentemente e existe uma grande dificuldade de aceitação apesar de ser um processo natural e que faz parte do ciclo da vida (MOREIRA; LISBOA, 2006).

##### **4.1.1 Fases do Luto (Processo de Morrer)**

Elizabeth Kübler-Ross foi pioneira em explicar as atitudes e reações emocionais causadas pela aproximação da morte em pacientes terminais. Segundo Kübler-Ross, existem cinco estágios que o paciente pode passar diante de uma doença fatal: Negação, raiva, barganha, depressão e aceitação (AFONSO; MINAYO, 2013).

#### 4.1.1.1 Negação

O primeiro estágio dentre os apresentados é o da negação. O paciente não aceita o fato e usa isso como um mecanismo de proteção, uma forma de aliviar o impacto da notícia. Essa fase gera um sentimento de injustiça, geralmente o pensamento do paciente é: “isso não pode estar acontecendo comigo”. Essa primeira reação pode durar alguns minutos ou até meses (BASSO; WAINER, 2011).

#### 4.1.1.2 Raiva

Etapa na qual surgem sentimentos de ira, revolta e mágoa, é uma verdadeira explosão de sentimentos frente à impossibilidade de negar o fato. Uma expressão que exemplifica esse estágio é, “como isso foi acontecer comigo?” “Por que não fomos mais rápidos em trazê-lo ao médico?”. Tornando mais difícil em lidar com o paciente, podendo permanecer durante o tratamento (ALVES; DULCI, 2014).

#### 4.1.1.3 Barganha

Em alguns casos, pode acontecer o terceiro caso, a barganha. O paciente tenta evitar a morte fazendo tratos e promessas com Deus, com a família e até mesmo com os médicos, se apegando a esperança de que com a mudança em seu comportamento seu dias de vida serão prolongados. Para Kübler-Ross este terceiro estágio é o menos conhecido, mas muito importante para o paciente (REZENDE; GOMES; MACHADO, 2014).

#### 4.1.1.4 Depressão

A complexidade do tratamento e hospitalização aumentam a tristeza, associada a outros sentimentos ocasionam a depressão (SUSAKI; SILVA; POSSARI, 2006).

Esse estágio pode ser perigoso para o paciente e familiares, sendo que condição psicológica negativa pode afetar significativamente a resposta biológica à enfermidade, acelerando-a por exemplo (ALVES; DULCI, 2014).

#### 4.1.1.5 Aceitação

Fase em que o paciente passa a aceitar sua situação e seu destino. Período em que a família pode precisar de ajuda, compreensão e apoio. No entanto, tem pacientes que mantém conflito com a morte, sem cumprir esse estágio. Cabe ressaltar

que não tem uma ordem para acontecer esses estágios, sendo que o paciente pode vivenciar mais de uma destas fases, ou até mesmo não vivenciar algumas delas (SUSAKI; SILVA; POSSARI, 2006).

## **5 SIGNIFICADOS DO PROCESSO DE MORTE E MORRER PARA OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE**

Aprender a encarar a morte em um ambiente onde a prevenção e a cura prevalecem, é um desafio que alguns se propõem a discutir e muito menos enfrentar, causando dificuldade no tratamento e no acompanhamento dos pacientes enfermos e em fase terminal (MONTEIRO; OLIVEIRA; VALL, 2010).

A palavra morte constantemente relaciona-se a sentimento de dor, separação e perda. A cultura ocidental moderna evita desse tipo de sentimento, sendo assim, foge da morte. Estudo relatado por Perazzo (1990) sobre o comportamento de 42 enfermeiras diante da morte dos pacientes sob seus cuidados expressou que os sentimentos presentes eram a impotência, culpa e raiva, e o mecanismo de defesa mais usado era da negação. Esse estudo demonstrou a insegurança e o medo que os profissionais da saúde têm ao lidar com paciente em fase terminal. Nessa mesma pesquisa demonstrou que os debates sobre a morte e morrer devem ser encorajados no ambiente hospitalar, que pode influenciar na mudança de comportamento dos profissionais envolvidos com tratamento de pacientes (MORITZ, 2005).

### **5.1 Sentimentos dos Profissionais de Enfermagem Frente à Morte de Pacientes**

Embora a morte faça parte do ciclo natural da vida, os profissionais de enfermagem não vêm sendo devidamente preparados para lidar com ela. O contato diário com a morte acarreta para os profissionais um sentimento de estresse, sofrimento psíquico, sentimento de fracasso pessoal e falha no trabalho desenvolvido, pois a enfermagem mantém contato direto e prolongado com os pacientes, acompanhando-o o seu processo de morte (MATTOS et al., 2009).

Os sentimentos e expectativas frente à morte são diferentes para cada profissional da área da saúde. A vida destes profissionais tem algo em comum: a morte é a companheira de trabalho. As dificuldades, resistências pessoais e sociais podem gerar estresse ocupacional (MAGALHÃES; MELO, 2015).

Entre os sentimentos expressos, destaca-se o fato de que a maioria dos

profissionais alega diferença de sentimentos frente a morte de um paciente idoso com relação à morte de um jovem. Os estudos mostram que a perda de um paciente jovem abala muito mais a equipe de enfermagem, pelo fato deste não ter vivido o suficiente, causando angústia, revolta, e sofrimento para os profissionais diferente de um idoso que já viveu todas as etapas da vida (MATTOS et al., 2009).

Apesar da morte fazer parte da vida, falar sobre ela sempre assusta o ser humano, mesmo se tratando dos profissionais da saúde que lidam diariamente com ela. Os trabalhadores de enfermagem passam pelo processo de morte de seus pacientes utilizando a negação como meio de defesa e evitando falar sobre o assunto. Sendo assim, ao lidar com tais mecanismos, pode-se desenvolver uma armadura protetora, demonstrando insensibilidade e frieza, impossibilitando o profissional de crescer humana e profissionalmente, afetando negativamente no cuidar do paciente no processo de morrer (MOTA et al., 2011).

Muitos profissionais de enfermagem, expressam dificuldade em se relacionar com pacientes em fase terminal, pois sentem dificuldade em lidar com o problema. O profissional de enfermagem, por meio do convívio com esses sentimentos vividos pelos pacientes e familiares, pela proximidade da morte, está perante do enfrentamento de como se colocar frente ao sofrimento e a dor, que nem sempre pode aliviar (BRÊTAS; OLIVEIRA; YAMAGUTI, 2005).

Percebe-se que os enfermeiros demonstram dificuldades em exercer seu trabalho mediante a pacientes fora de possibilidade terapêuticas, devido ao despreparo e desamparo a que estão sujeitos (SUSAKI; SILVA; POSSARI, 2006).

Observou-se que, em casos de sofrimento intenso, a morte representa alívio e descanso, passando a ser esperada, também, pelos profissionais.

#### 5.1.1 Preparação do Enfermeiro para o Enfrentamento da Morte

Os profissionais de enfermagem estão pouco capacitados para lidar com essa situação, visto que, normalmente durante a formação profissional o foco principal é a preservação da vida. Por outro lado, surge o dever de auxiliar esses profissionais no confronto desse processo, contudo, a humanização é centrada no paciente, dispondo pouca atenção ao cuidado e à humanização do profissional, realidade que precisa de mudanças em virtude de prepara-los emocionalmente para ações curativas e atuar de forma ética e profissional no processo de morrer e da morte (MATTOS et al., 2009).

Educar para a morte é também preparar profissionais de saúde para lidar com

ela. Muitos não sabem como abordar a família de pacientes que morreram ou que estão em estado terminal devido ao grande envolvimento emocional, a maioria deles se sentem inseguros e incapaz ao lidar com um como este. Os profissionais da saúde, em sua formação, precisariam ter uma possibilidade de educação acerca do processo de morte, possibilitando um preparo para enfrentar a morte daqueles que estão sob seus cuidados, para que se tornem profissionais capacitados tanto tecnicamente como emocionalmente (COSTA; MAZZAIA, 2010).

A educação acerca do processo de morte deve conter os seguintes tópicos, (1) sensibilizar o profissional para os sentimentos e reflexões sobre os vários pontos abordados, como: suicídio, aproximação da morte, perda de pessoas da mesma faixa etária por acidentes, entre outras; (2) apresentar várias abordagens teóricas sobre a questão da morte e (3) refletir sobre uma prática vivida, aprendizagem que envolverá aspectos cognitivos e afetivos, buscando-se o sentido individual e o coletivo. É ter a possibilidade de fazer uma constante revisão considerando conflitos, frustrações e levando em conta o ponto de vista do sujeito na construção de seu próprio conhecimento (KOVÁCS, 2005).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A morte, na rotina da enfermagem, está sempre presente, contudo fica evidente a dificuldade que o profissional tem em demonstrar seus sentimentos em relação com a morte.

Percebe-se, em sua maioria que a equipe de enfermagem se envolve emocionalmente com o paciente e seus familiares. Cada profissional tem uma maneira de enfrentar suas perdas de acordo com a situação, mas todos passam por algum estágio da perda. Por meio das informações trazidas por este estudo, pode-se dizer que as reações do profissional de enfermagem frente à morte são semelhantes às fases do luto descritas por Elizabeth Kübler-Ross (depressão, negação, raiva, barganha e aceitação).

Observa-se a realidade do medo da morte e do morrer, isso mostra que, embora os profissionais de enfermagem convivam diariamente com a morte, eles apresentam dificuldade em enfrentá-la, preferindo na maioria dos casos, evitar o envolvimento com o paciente e sua família, com o intuito de preservar sua saúde psíquica. Outro item notável deste estudo, está referente a morte de paciente jovem.

Os profissionais de enfermagem sofrem ao assistir o processo de morrer de pacientes jovens, pois segundo eles, são pessoas que não viveram o suficiente, conseqüentemente demonstram tristeza, e muitas vezes, sentem-se impotentes.

Capacitações sobre a morte e apoio aos profissionais de enfermagem devem ser encorajados. A morte não é um tema muito discutido na formação dos profissionais de saúde, dando brecha para não saberem lidar diante da situação. É necessário realizar constante revisão sobre conflitos, frustrações, levando em conta o ponto de vista do indivíduo. Sendo assim, uma equipe preparada para lidar com o momento da morte e tudo que ela acerca, pode trabalhar de maneira mais equilibrada.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, S. B. C.; MINAYO, M. C. de S. Uma releitura da obra de Elisabeth Kluber-Ross. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 9, p. 2729- 2732, 2013.

ALVES, C. B.; DULCI, P. L. Quando a morte não tem mais poder: Considerações sobre uma obra de Elisabeth Kluber-Ross. *Revista Bioética, Brasília*, v. 22, n. 2, p.262-270, Mai./Ago. 2014.

BASSO, L. A.; WAINER, R. Luto e perdas repentinas: Contribuição da Terapia Cognitivo – comportamental. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 7, n. 1, p. 35-43, Set. 2011.

BRETAS, J. R. da S.; OLIVEIRA, J. R.; YAMAGUTI, L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 40, n. 4, p. 477-483, Set. 2005.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia*, v. 11, n. 2, p. 209- 216, Jun. 2006.

COSTA, A. B.; MAZZAIA, M. C. A importância do preparo do enfermeiro no processo de morte e morrer. *Revista Brasileira de Ciência da Saúde*, ano 8, n.23, Jan./Mar. 2010.

GUTIERREZ, B.A. O.; CIAMPONE, M.H. T. O processo de morrer e a morte no enfoque dos profissionais de enfermagem de UTIs. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v.41, n.4, p.660-667, Dez. 2007.

KOVÁCS, M. J. Educação para morte. *Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília*, v.25, n.3, p.484-497, 2005.

MAGALHÃES, M. V.; MELO S. C. de A. Morte e Luto: O sofrimento do profissional da saúde. *Revista Psicologia e Saúde em Debate*, v. 1, n. 1, p. 65-77, Abr. 2015.

MATTOS, T. de A. D. et al. Profissionais de enfermagem e o processo de morrer e morte em uma unidade de terapia intensiva. Revista Mineira de Enfermagem (reme), Belo Horizonte, v. 13, n. 3, 5 p., Nov. 2009.

MONTEIRO, F. F. OLIVEIRA, M.; VALL, J. A importância dos cuidados paliativos na enfermagem. Revista Dor. São Paulo, v. 11, n. 3, p. 242-248, Jul./ Set. 2010.

MOREIRA, A. C.; LISBOA, M. T. L. A Morte- Entre o Público e Privado: reflexões para a prática do profissional de enfermagem. Revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 447-454, Jul./Set. 2006.

MORITZ, R. D. Os profissionais de saúde diante da morte. Revista Bioética, v. 13, n. 2, p. 51-63, 2005.

MOTA, M. S. et al. Reações e sentimentos dos profissionais da enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v.32, n.1, p. 129-135, Mar. 2011.

NEGRINI, M. A significação da morte: um olhar sobre a finitude humana. Sociais e Humanas, Santa Maria, v.27, n. 1, p. 29-36, Jan./ Abr. 2014.

OUCHI, J. D. et al. O impacto da morte para o profissional de enfermagem. Revista Saúde em Foco. Ed. 10, p. 404-411, 2018.

REZENDE, L. C. S.; GOMES, C. S.; MACHADO, M. E. da C. A finitude da vida e o papel do psicólogo: perspectivas em cuidados paliativos. Revista Psicologia e Saúde, v.6, n.1, p.28-36, Jan./Jun. 2014.

SALUM, M. E. G. et al. Processo de morte e morrer: Desafios no cuidado de enfermagem ao paciente e Família. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, v. 18, n. 4, p.528-535, 30 Ago. 2017.

SAMPAIO, C. L. et al. Aprendizagem baseada em problemas no ensino da Tanatologia, no curso de graduação em enfermagem. Escola Anna Nery, v. 22, n. 3, 7p., 2018.

SANTOS, A. et al. A Enfermagem frente ao processo de morte: Revisão integrativa. Universidade Tiradentes, 3 p., Mai. 2017.

SANTOS, J. L.; CORRAL-MULATO, S.; BUENO, S. M. Morte e luto: A importância da educação para o profissional de saúde. Arq. Cienc. Saúde UNIPAR, Umuarama. v. 8, n. 3, p. 199- 203, Set./Dez.2014.

SUSAKI, T. T.; SILVA, M. J. P.; POSSARI, J. F. Identificação das fases dos processos de morrer pelos profissionais de Enfermagem. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 144- 149, Abr./ Jun.2006.